
MEMÓRIA, RESISTÊNCIA E ALEGRIA NO DEUTERONÔMIO*

VALDIVINO SOUZA RIBEIRO**, HÉBERT VIEIRA BARROS***,
ROSEMARY FRANCISCA NEVES SILVA****

Resumo: foram muitos os processos de dominação na história. A vida do povo da Bíblia não foi diferente. A luta pela terra está intensamente presente na Bíblia. A terra é sinal da benção. Ela é promessa e realização da ação de Deus. A Tradição Deuteronomista compreende a ação de Deus e prática religiosa a parte do tempo e da monarquia. O Deuteronômio é a certeza de celebrar e compreender a Lei como alegria da promessa e da conquistada. A condição de escravos não sufocou a esperança e certeza da promessa. Mas a vida na terra passa por processos de centralização e tentativas de exploração usando a religião. Entretanto a resistência permanece e nas celebrações perpetuam a certeza do projeto originário. A vida é um todo a ser celebrado e vivenciado. Dá-se na certeza e alegria na terra onde brota leite e mel.

Palavras-chave: *Memória. Luta. Deuteronômio. Terra. Resistência. alegria.*

O presente estudo visa discutir como na história de Israel também houve motivações fortemente religiosas para lutar pela conquista da terra e resistir às ações centralizadoras das práticas político religiosas. É um trabalho bibliográfico com uma dinâmica histórico crítico da Bíblia com enfoque no Deuteronômio. Ele é parte de uma pesquisa mais ampla que tem como título: *Resistência e Conquista da Terra a Partir de Dt 26, 5 – 11.*

O estudo compreende três pontos para facilitar melhor compreensão. No primeiro momento visa buscar entender como a questão da terra é desenvolvida na Bíblia. É uma

* Recebido em: 10.08.2015. Aprovado em: 19.08.2015.

** Graduado em Filosofia, mestre em Ciências da Religião e doutorando em Educação pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Atualmente é professor na Pontifícia Universidade Católica de Goiás e na Seduc – GO. E-mail: rsvald@yahoo.com.br.

*** Graduado em Teologia e mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Atualmente é professor na Pontifícia Universidade Católica de Goiás e no Instituto de Filosofia e Teologia de Goiás. E-mail: hebertvb@hotmail.com.

**** Graduada em Pedagogia Universidade Federal de Goiás, Mestra e Doutora em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de Goiás. Atualmente é professora na Pontifícia Universidade Católica de Goiás. E-mail: rosemarynf@gmail.com.

atenção a textos bíblicos e como estudos tratam da compreensão da promessa e realização com a posse da terra. Em um segundo momento será feito um estudo direcionado ao livro do Deuterônomo. Por fim, será desenvolvida exposição/discussão relativa a Dt 26,1-11, com atenção especial aos v.v.5b-10a.

A TERRA NA BÍBLIA

A conquista da terra não é unicamente fruto da justiça de Israel. É dádiva de Deus que cumpriu a promessa (Gn 12,1-5; Ex 3,7-10). Para Souza (1983, p. 20),

[...] na Bíblia a gente aprende, entre outras coisas, - que o primeiro sinal de bênção é a terra. A terra é a primeira promessa que Deus faz a Abraão (Gn 12,1s). Deus promete a terra, porque a terra pertence a Deus (Ex 19,5). E a entrada na terra prometida foi vista pelo povo como um primeiro sinal da libertação e da aliança de Deus (Dt 1,8; 6,1s).

Para Clements (1995, p. 336), a promessa da terra marca a vida de Israel, pois, valoriza a postura de busca do povo. Esta promessa é, no processo histórico, reiterada e reinterpretada. Ao mesmo tempo ela é influência e sinal na vida do povo da fidelidade ao seu Deus. Sendo assim, conforme já foi a Tradição Hebraica, Javé prometeu a Abraão terra e descendência (Gn 12,1-5). Quando a escravidão do Egito assolava os Hebreus, a promessa se deu como a ação libertadora. Concretizou na garantia e posse da terra. Terra que mana leite e mel (Ex 3, 8). Neste sentido, o

[...] povo de Israel ligava tanto a comunhão com Deus com o fato de estar na terra própria que para eles, ter de sair da terra era como ter de se afastar da presença de Deus [...]. Aprendemos ainda, na Bíblia, que foi a promessa da terra que manteve o povo antigo sempre atento à esperança de uma transformação completa de tudo, e da vinda definitiva de Deus para fazer “um novo céu e uma nova terra” (Is 65). A terra, para os homens da Bíblia, era lugar e razão da fé e confiança na presença de Deus, e de esperança na posse da terra definitiva do Reino (SOUZA, 1983, p. 21).

Desta forma, é possível dizer que o chamado de Deus, a promessa da terra, a promessa da descendência e, por conseguinte, a libertação da escravidão do Egito, com a posse na terra, sinalizava para povo de Deus. Souza (1983, p. 23) diz:

[...], há um salmo que reza: “Tu me conheces, Senhor, desde que fui gerado e no seio da terra fui formado” (Sl 139,15). Havia então uma ligação de familiaridade e de devoção com a terra. A terra, tão essencialmente ligada à vida deles, era o presente de Javé.

A terra é, portanto, assunto de profissão de fé (Dt 6,20-25; 26,5-11). Souza e Caravias compreendem que a terra na Bíblia é motivação e mística para a luta.

Esta terra grande e fértil maravilhosa para a pecuária (leite) e para a agricultura (mel), ficará sempre como uma espécie de utopia, de meta a ser alcançada; um ponto de referência, que é importantíssimo como motivação e mística que empolgará a luta. É uma imagem do ideal necessário a qualquer revolução em todos os tempos. Mas, ao mesmo tempo, é também útil já poder contar com uma realização, mesmo parcial e limitada, desse ideal (SOUZA; CARAVIAS, 1988, p. 14).

Portanto, é possível afirmar que a terra tem um sentido além de um espaço físico. É meio de sobrevivência, do retirar os alimentos e ao mesmo tempo sinal da ação de Deus.

Ela indica a ação criadora e do senhorio de Javé com o seu povo. Portanto, o zelo com a terra por parte do povo corresponde à fidelidade na promessa do Deus Javé.

O LIVRO DO DEUTERONÔMIO

O livro do Deuteronômio faz parte do conjunto da literatura Deuteronomista¹. É chamado o quinto livro de Moisés e considerado o prólogo da historiografia Deuteronomista (SILVA, 2012). Conforme Born (1985), o nome do livro é devido a um erro de interpretação de Dt 17,18, por ocasião da Tradução dos Setenta². Para Nakanose (1996, p. 177), a expressão “cópia da lei” foi entendida como “segunda lei”.

O centro do livro é um código de leis (12-26). Conforme a introdução da Bíblia de Jerusalém ao Pentateuco (2010, p. 26), estas leis teriam sido formuladas a partir das histórias repassadas pelos pais às novas gerações (Cf. Sl 44/43; Gn 12,1-12; Ex 3,7-10; Js 24; Ex 12; Dt 6,20-25; 26,1-11). Elas (as leis) teriam sido conservadas por israelitas (do Reino Norte). Mais tarde, com influências dos idealizadores nas reformas de Ezequias e, posteriormente, de Josias, reelaboradas. Sendo assim,

[...] se admite quase universalmente que pelo menos o Código das leis representa o livro encontrado no Templo durante o reinado de Josias pelo sacerdote Helcias (2Rs 22,8-30) [...]. A maior parte dos críticos modernos inclina-se a pensar que esse Código contém as tradições jurídicas do Reino Norte [...]. Com a queda de Israel em 721 a.C. (sic), a coletânea de leis teria sido levada para Jerusalém (MACKENZIE, 1984, p. 233).

A formação do livro estendeu-se por um longo período. Envolve a corrente eloísta e o movimento profético³. Portanto, o Deuteronômio, seria resultado da composição destes movimentos (GRUEN, 1983, p. 88-90). Assim, os israelitas fugindo da invasão Assíria (722) trazem seus escritos. Esses, de certa maneira, são usados por Josias na reforma empreendida (622). Os refugiados do Norte, em Judá, e os expropriados do Sul, resistem ao espírito centralizador da reforma. É possível perceber tal realidade em Dt 26,1-11, onde numa profissão de fé e na oferta das primícias há certa forma de reação (vv 5b-11).

Para Lamadrid (1999), a Literatura Deuteronomista visa um fortalecimento da reforma político-religiosa. Seria um braço reformista a partir da fé, das concepções religiosas. O autor afirma ainda que:

[...] o Dt é o livro da lei, mas não é um livro legalista nem jurisdicista. [...] Lembra o estilo da literatura sapiencial, onde o pai ou o mestre compartilham suas instruções com os filhos-discípulos [...]. O livro do Dt em geral, e mais concretamente sua legislação, é um dos documentos mais humanos e humanizantes do AT. Mostra especial preocupação com os pobres, os escravos, os estrangeiros, os endividados, as jovens prisioneiras de guerra [...] (LAMADRID, 1999, p. 45-6).

As reformas do Deuteronômio são mais amplas do que as propostas de Josias. O Rei Josias quis reformar a vida política e religiosa a partir do templo e da monarquia. Já, os resistentes, vindos do Norte e adeptos oriundos do Sul, buscam e sonham novas relações partindo de experiências anteriores à monarquia e ao templo. Nesta lógica de raciocínio, é possível dizer que o núcleo, ou boa parte do livro do Deuteronômio, teve sua origem em costumes que foram levados para Judá por grupos do Norte. Seriam anteriores à monarquia e sinalizavam o desejo de retorno a experiências tribais. Assim, para Clements (1995), a terra, no Deuteronô-

mio, é lugar de realização e abundância, espaço de superação das más condições do Egito no passado, bem como, à realidade violenta da monarquia.

A Autoria

Conhecer a autoria é importante para compreender um texto. Conforme Arenhoevel (1978), devido ao processo de constituição dos textos sagrados – mãos, espaço e tempo – somente um estudioso especialista pode identificar o núcleo central, primeiro⁴. E, para identificar este núcleo, muito facilita a compreensão quanto à questão da autoria.

A composição do Deuteronomio, no caso, dos blocos, o Pentateuco ou a Literatura Deuteronomista, se dá no processo prolongado de formação literária. Não é fácil determinar a autoria, embora o título do livro, Deuteronomio, pareça oferecer dicas sobre quem seria o autor.

O melhor exemplo em tal sentido é o Pentateuco (do grego: penta=cinco; teuchos=invólucro para rolos manuscritos), ou os “cinco livros de Moisés”. À primeira vista, estes livros não oferecem nenhuma dificuldade. Seu título parece designar o autor com precisão. Mas o texto desses livros em nenhuma parte nos diz que Moisés foi o seu autor e só partes avulsas é que lhe são atribuídas (p. ex.: Ex 21-23; 24,4). Foi somente a tradição posterior (tanto judaica como cristã) que atribuiu a autoria dos cinco volumes desta obra a Moisés (ARENHOEVEL, 1978, p. 43-4).

Para Storniolo (1992), os autores de Deuteronomio se perdem nos séculos que decorreram na composição do livro. Assim, o longo tempo de redação impossibilita uma única autoria. O autor afirma ainda que os autores foram levitas que, em espaços e tempos diferentes compuseram o original do Deuteronomio. O livro foi escrito em um longo tempo. Seria de autoria dos levitas desprovidos economicamente e sem espaço fixo. Estes são os chamados levitas peregrinos. Não tendo residência e serviços nos santuários, levavam aos povoados o relato do Êxodo. Anunciavam Javé como o libertador. Desenvolviam críticas às instituições corrompidas, do Reino Norte e do Reino Sul, bem como, anunciavam a possibilidade de construção de uma sociedade alternativa.

Em um comentário da Bíblia TEB encontramos:

Fiéis ao ensinamento de Moisés os levitas continuam pondo o seu ensino na boca de Moisés, para conferir-lhe continuidade e autoridade. As alusões preciosas às tentações que se apresentam ao povo depois de Moisés demonstram que os relatores viviam numa época ulterior, em função da qual atualizam continuamente a tradição vinda de Moisés (A BÍBLIA TEB, 1995, p. 201).

Sendo assim, a atribuição de autoria a Moisés é um meio de dar autoridade ao pensamento expresso. Por isso, compreende-se que os autores do Deuteronomio são os levitas itinerantes. Eles conservam as tradições originárias, vivida por Israel e Judá (NAKANOSE, 2000, p. 208-9).

Formação do Livro

O Deuteronomio foi escrito durante muitos séculos. Para Nakanose (1996, p. 176), o livro foi sendo construído com a história, sobretudo no Reino do Norte, a partir de meados do século VIII. Em Judá, é trabalhado a partir da época de Josias até o pós-exílio. No Sul recebeu os acréscimos finais. Nesta linha de pensamento há também Thompson (1991,

p. 41). Ele compreende que o livro tem suas raízes nas tradições culturais “[...] de leis antigas adaptadas a um estágio posterior da história de Israel” (THOMPSON, 1991, p. 41).

Assim, após a escravidão no Egito e a chegada à terra, o tribalismo foi uma nova maneira de viver. Envolveria desde a vida familiar às celebrações/festas religiosas comunitárias.

[...] liturgia era a fonte de abastecimento da memória da libertação (Dt16,1.3.6.12) e o compromisso da aliança [...]. Como memória de libertação de uma situação de injustiça para uma situação de fraternidade, a liturgia torna-se um espaço de conscientização e abertura para as questões sociais: a partilha e a solidariedade são conseqüências da aliança com Deus [...]. De início, a transmissão dessas leis e princípios tribais era feita oralmente nas famílias (Ex 12,25 –27), nas celebrações (Dt 26,5 –10), tendo como base de sustentação a memória da libertação do Egito (NAKANOSE, 1996, p. 178).

Portanto, muito do que está no Deuteronômio se fundamenta na vida tribal. As tradições foram conservadas e transmitidas nas famílias e nas celebrações. A liturgia era expressão religiosa e também espaço/oportunidade de recordar a vida de opressão no Egito e a ação libertadora de Javé (Dt 26,5-11). A lembrança da escravidão sofrida no Egito fortalecia o compromisso com um Deus que não queria opressores e oprimidos, nem escravos e senhores entre o seu povo.

A Estrutura

O Deuteronômio é um texto com alocações, leis, bênçãos e maldições. A terra é dádiva de Javé e conquista do povo (Dt 6, 20-25; 25, 1-11). A estrutura visa, pela religião atingir por inteiro a história atual, isto porque a vida religiosa compreende a socialização do povo. Intenciona “levar Israel a um compromisso renovado e mais consciente com a Aliança” (BORN, 1985, p. 386). É redigido em estilo enfático e retórico com tom discursivo. As ideias teológicas centrais são repetidas de maneira enfática. Sobressai a alegria das leis e a celebração da memória. Javé libertou, conduziu, deu e estabeleceu na terra da promessa (Gn 12 1-12; Ex3, 7-10; Dt 6, 20-25; 26, 5-11) (MACKENZIE, 1984).

A divisão apresentada a seguir é realizada a partir de estudos de Storniolo (1986, p. 17-22), Thompson (1991, p. 14-21), Bíblia TEB (1995) e Bíblia de Jerusalém (2010). É uma estrutura dentre diversas possíveis que oferece uma maior compreensão do livro e dos seus objetivos. A conclusão do livro serve também ao Pentateuco como um todo.

O livro tem um plano definido composto de três discursos.

- 1,1-5 Introdução ao primeiro discurso

1,6-4,43 Primeiro discurso - Retrospecto da atividade de Javé em favor de Israel

- 4,41-43 Breve apêndice

- 4,44-49 Introdução ao segundo discurso

5,1-28,68 Segundo Discurso – Retorna a história de Israel indo até a teofania do Horeb e o decálogo. É o coração do livro.

12-26 Código do Deuteronômio

26,5-11 Profissão de fé e resistência à monarquia e ao culto

- 28,69 Introdução ao terceiro discurso

29-30 Terceiro Discurso – Apelo a Israel para que aceite a Aliança

Recordação dos acontecimentos do Êxodo

30,15-30 Conclusão

- 31-34 Apêndice do livro

Para Storniolo (1986, p. 17-22), o Deuteronômio é um projeto societário. E a base deste projeto é o Código o Deuteronômico. A partir de Storniolo (1986), podemos dar a seguinte estruturação no texto do Código:

- Relação com Javé 12,1-16,17 - Javé é a fonte da existência humana;
- Relação com o outro 16,18-26,19 – A relação com o outro subentende a relação com o meio.

Neste contexto, é possível dizer que o Código motiva penetrar o conjunto da vida do israelita. A vida envolve Javé, o outro e o meio do qual o israelita é parte constituinte. Este conjunto é formado de leis.

Não nos enganemos, porém. Em vez de confundirmos essas leis com as nossas leis atuais, é melhor compreendê-las como instruções (sentido primitivo de **torah**= lei) ou orientações pedagógicas em vista de uma nova compreensão da vida e uma transformação radical das relações humanas. **Com efeito, todas e cada uma dessas leis, para serem observadas, exigem uma profunda transformação social, em todos os níveis** (STORNILOLO, 1986, p. 19; o grifo é do autor).

Isto confirma que o Deuteronômio é um texto litúrgico/exortativo, com profundo cunho social e político (Dt 15; 24; 26,5-11), pois a terra que oferecia benefícios e oportunidades fazia exigências para o indivíduo e para a coletividade (CLEMENTS, 1995, p. 338).

MEMÓRIA CELEBRATIVA – Dt 26,1-11

Para uma maior compreensão do livro do Deuteronômio e sua condição litúrgico/Exortativa com elementos de resistência. Nossa intenção agora é direcionar o estudo à “*Apresentação das Primícias*” (Dt. 26,1-11). O texto está no contexto Deuteronomista. Mas no seu meio, com atenção, se observa a ação ou prática do fiel resistente à centralização político-religiosa (Dt. 26,5b- 9.10a).

Entendemos que para melhor compreender Dt. 26, 5-9 seja importante situar no conjunto mencionado, a oferta na festa das primícias. É nesta atmosfera que se fazia memória da história de Israel.

O texto da Festa das Primícias (Dt 26,1-11)⁵

E acontecerá, quando entrares na terra que Iahweh, teu Deus, te dá por herança e a possuíres e nela habitares, então tomarás o primeiro de todo o fruto do solo que tirares da terra, que Iahweh, teu Deus, te dá e o porás num cesto e irás ao lugar que Iahweh, teu Deus, escolher para ali fazer habitar o seu nome. E virás ao sacerdote que estará naqueles dias e lhe dirás: “declaro hoje a Iahweh, teu Deus, que entrei na terra que Iahweh, nosso Deus, jurara dar aos nossos pais. Então o sacerdote tomará o cesto de tua mão e o porá diante do altar de Iahweh, teu Deus. E te humilharás diante de Iahweh, teu Deus, e dirás: **“Meu pai era um arameu errante e desceu para o Egito e viveu lá como estrangeiro com pouca gente e ali veio ser uma nação grande, forte e numerosa. Os egípcios, porém, foram maus e nos humilharam e nos impuseram uma dura escravidão. Mas gritamos a Iahweh, Deus dos nossos pais, e Iahweh ouviu a nossa voz e viu nossa miséria e nosso sofrimento e nossa opressão. “E Iahweh nos fez sair do Egito com mão forte e braço estendido, em meio a grande terror, com sinais e prodígios, e nos trouxe a este lugar e nos deu esta terra onde mana leite e mel”. “E agora eis que trago o primeiro fruto do solo, que tu me deste Iahweh”. E as depositarás diante de Iahweh, teu Deus, e te prostrarás. Então, te alegrarás por todo o bem que Iahweh, teu Deus, deu a ti e à tua casa e ao levita e ao estrangeiro que (está) no teu meio.**

Delimitando o Texto

Agora interessa delimitar a moldura do episódio, “*a festa das primícias*”(v.v.1-11) para determinar e esclarecer onde e porque era recitado o chamado Credo Histórico (v.v.5b-9). O texto dos v.v.1-11 pode ser definido pelos acontecimentos narrados, pelas pessoas que aparecem e pelos diferentes espaços onde se dão os fatos. Não há aqui a intenção de tratar de maneira separada, mas compreender o conjunto.

Os versículos 1-5a.10b-11 se desenvolvem a partir de ordens, da figura do sacerdote e do santuário;

Os versículos 5b-9.10a se dão em uma dimensão de declaração de fé, credo histórico ou memória. Pode-se dizer, estão assim estruturados: Identidade (v. 5b); História (v.v. 6-7); reconhecimento (v.v 8-9); apresentação da oferta (v. 10a).

No bloco de 5b-10a não há menção ou referência a sacerdote ou espaço específico. O fiel não cumpre ordens, não há narrador. O fiel é o narrador que se apresenta: identificando, contando sua história, reconhecendo e apresentando a oferta. Neste sentido o v. 10a merece destaque: “*E agora eis que trago o primeiro fruto do solo, que tu me deste Iahweh*”. Uma diferença a ser observado no conjunto é que nos v.v. 5b-9 o fiel apresenta-se na primeira pessoa do plural, nós/nos e em 10a na primeira pessoa do singular. Entretanto, compreende-se que não isenta o texto no sentido de uma postura de reação ao processo centralizador sinalizado nas figuras do sacerdote e do santuário.

Conclui-se assim, que o episódio conhecido como “*a festa das primícias*”

(v.v.1-11) não apresenta continuidade interna. É possível visualizar três blocos. Dois com certa identidade, semelhança de estilo ou contexto:

- 1 – v.v. 1-5a.10b-11-dinâmica Deuteronomista, a reforma centralizadora;
- 2 – v.v. 5b-9 – dinâmica ou lógica do Deuteronomio – primeira pessoa do plural;
- 3 – v. 10a – dinâmica ou lógica do Deuteronomio – primeira pessoa do singular.

Neste sentido, é possível que o segundo e terceiro blocos sejam mais antigos e tenham sido incorporados ou acrescentados na dinâmica da festa das primícias pelo grupo Deuteronomista com vista a fortalecer os objetivos da reforma centralizadora.

Visando facilitar a compreensão e objetivo do texto litúrgico/celebrativo na festa das primícias, é importante observar que no centro está a memória da situação de opressão e da ação libertadora. Veja o gráfico:

A - Introdução ao rito (v.5a.)

B - Memória da origem, da falta de terra e agregação de pessoas ou do tempo da falta de terra (v.5b)

C - Memória da situação de opressão (v.6)

C' - Memória das ações libertadoras (v.v.7-8)

B' - Memória do dom da terra ou do tempo do dom... (v.9)

A' - Continuação do rito e resultado (v.v.10.11).

Mesmo considerando que o diferencial nos versículos relativos à celebração da festa das primícias está nos v.v. 5b-10a, é importante ver onde é fixada no texto bíblico. Isto porque, a apreciação de uma obra se deve muito ao local onde esteja colocada. Uma pintura se destaca no seu conjunto, existe a moldura, a margem e a pintura. A moldura e a margem dão destaque à pintura enquanto tal e quanto mais bem trabalhados tais elementos, mais aparece a arte.

O texto (Dt 25,5-11) é uma bela obra de arte, muito bem trabalhada. Partindo da estruturação desenvolvida é possível dizer que: A e A' formam a moldura, B e B' são a margem e C e C' são a obra em si. Todo o conjunto é importante, mas precisa ser visto começando do centro. O mesmo (centro) é a memória de opressão que gera memória de libertação.

A RESISTÊNCIA CELEBRATIVA

O povo da Bíblia aprendeu de outros povos que viviam da agricultura em comunhão e comunicação com os deuses da natureza, da chuva e da fertilidade, a importância de ritos e cultos relacionados com a terra, os frutos, os animais e a vida (Dt. 26,1-11). No entanto, em se tratando de Dt 26,5b-10a, incluindo o v. 11, lembra o camponês que trazia sua oferta e a entregava diretamente a Javé, sem intermediários.

Seria costume antigo, pois as referências ao levita e ao estrangeiro lembravam do tempo da vida tribal e as tradições (NAKANOSE, 2000, p. 208). A alegria devia envolver a casa, Israel (MACKENZIE, 1984, p. 154). Ou no sentido mais específico, o grupo familiar e de convivência, isto envolvia o levita e o estrangeiro.

Os credos ou confissões de fé estão presentes desde os patriarcas até a posse da terra. Sendo assim, o credo é configurado como básico da religião (McCONVILLE, 1999). Assim, é possível concluir que a memória celebrada nas primícias confirma que a terra é a certeza de que a vida na liberdade atinge a muitos com alegria. Portanto, a resistência não se dá só no conflito aberto, ela se acontece também ao executar, talvez as mesmas atividades com outra intenção.

Neste sentido, um olhar atencioso para as festas religiosas da atualidade ajuda a entender o processo que envolvia a reforma e a vida dos grupos de resistência. As festas têm dinâmicas e objetivos definidos pelas instituições religiosas que nem sempre são vivenciadas na totalidade pelos fiéis. Portanto, é possível que existam maneiras diferentes de encarar o mesmo evento – as festividades. Por exemplo:

1 – Uma seria a da instituição; ela objetiva o seu resultado.

2 - Outra seria de pesquisadores; estes, essencialmente, não necessitam da dimensão da fé; estudam a expressão de crença que circunda o evento e preocupam-se em compreender e explicar as atitudes ou atividades presentes.

3 – E outra a dos fiéis; os mesmos participam com a mais profunda fé/crença; para estes, o fundamental não é objetivação dada pela instituição religiosa, nem a leitura dos estudiosos. Eles vivem a “resistência”, estão em busca de “melhores condições de vida”. A participação da festa, enquanto tal, é em vista de buscar forças e maneiras de resistências e conquistas. Para exemplificar, é significativa a postura dos negros africanos. Reverenciavam as divindades católicas impostas pelos brancos, mas a “devoção” era meio de manterem a crença nas suas divindades, de manterem a memória da terra de origem (REZENDE, 1985, p. 75-6).

Entende-se aqui que seria interessante pensar as dinâmicas e objetivos dos sujeitos que participam, celebram as diversas festividades religiosas. O credo e a oração deram a Israel um sentido de unidade histórica. A memória e a terra favorecia a possibilidade de ser feita a oferta. Esta, mesmo em um sistema explorador, era oportunidade de resistir e continuar conquistando alegria da casa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

É possível dizer que a terra no contexto do Deuteronomio, ocupa um espaço primordial. É lugar de novas relações e de resistência cujo ponto de partida é a *Torah*, a Lei (Dt6, 20-25; 26, 5-11; STORNILOLO, 1986, p. 22). O contexto em que se desenvolve a História Deuteronomista é demasiadamente amplo em tempo e espaço. A Literatura Deuteronomista reelabora desde a época de Moisés até o pós-exílio.

A leitura do livro do Deuteronomio possibilita ao nosso tempo ampliar a compreensão dos processos de violência e exclusão. Em tempos neoliberais, discursos e leituras são usurpados dos espaços dominados e apropriados pelos dominadores ou estruturas dominantes. Grupos de influentes na atualidade são portadores desenvolvem práticas de outros de outrora. Com isso, esperanças são transformadas em desilusões. As violências ou violentos de outros tempos, não tão distantes, são esquecidos (as). Há tendências a considerar que tudo será do mesmo jeito, não tem concerto. Entretanto, aí está o engano. O projeto não acabou. Algo vai e deve mudar.

Assim, ressurgem a certeza. Há de ressurgir a esperança. É como, em tempo de seca, o Ipê que aparece florido no cerrado goiano. Tudo parece morto e sem maiores possibilidades de algo agradável ao olhar, mas o Ipê, seja roxo, amarelo, branco..., revigora a resistência e garantia da alegria na terra, dádiva de Deus e conquista da humanidade.

MEMORY, RESISTANCE AND JOY IN THE DEUTERONOMY

Abstract: there have been many processes of domination in history. The people's life of the Bible was not different. The struggle for the land is broadly present in the Bible. The land is a sign of blessing. It is a promise and God's accomplishment. The Deuteronomy tradition understands God's accomplishments and religious practice apart from time and monarchy. Deuteronomy is the certainty of celebrating and understanding the Law as happiness of promise and conquer. The slavery condition did not suffocate the hope and the promise. However, life in the land went through processes of centralization and an attempt of exploration using religion. Nevertheless, the resistance remains and the native project of certitude perpetuates in celebrations.

Keywords: Memory. Fight. Deuteronomy. Earth. Resistance. Joy.

Notas

- 1 Para maiores informações quanto a Obra Historiográfica Deuteronomista, veja: RIBEIRO, 2002, p. 44-101.
- 2 Sobre a tradução dos Setenta veja nota de rodapé de: RIBEIRO, 2002,55.
- 3 Conforme nota de rodapé de Ribeiro (2002, p. 56), "O profetismo não é exclusividade de Israel. Mesters (1983, p. 49) afirma que "o profeta é, por assim dizer, o homem que vem cobrar do povo o compromisso livremente assumido com Deus e consigo mesmo". O eloísta é fruto de tradições e escritos com antigas histórias e reflexões. A obra eloísta é a composição destes escritos e tradições. Ela denomina a Deus com o nome de Elohim. Para Gruen (1983, p. 89), "O Norte tinha tradições: foram suas tribos que tiveram papel preponderante na ocupação de Canaã; também a sua população conservava com carinho antigas histórias e reflexões". Chegara o tempo de redigir este material, para aproveitá-lo ao máximo na luta profética de reavivamento. Resultou a obra do Eloísta (abrev. E), assim denominada pelo nome ELOIM com que designa Deus nas narrativas sobre os tempos pré-mosaicos".
- 4 Para falar da autoria Arenhoevel (1978, p. 42) faz a seguinte comparação: "Muitos livros formaram-se à maneira de velhos edifícios: ao longo de vários séculos, fez-se um acréscimo aqui, uma remodelação ali,

cada um deles estilo diferente, a tal ponto que somente um arquiteto ou arqueólogo experimentado podem identificar o núcleo primitivo”.

5 O grifo é nosso e intenciona chamar a atenção para o bloco a ser objeto de maiores atenções no presente estudo.

Referências

- ARENHOEVEL, D. *Assim se formou a Bíblia: para você entender o Antigo Testamento*. 3ª ed. São Paulo: Paulinas, 1978.
- Berredo Peixoto, Gaspard Gabriel Neerick, I. F. L. Ferreira, José Xavier. São Paulo: Paulinas, p. 154; 232-234; 341; 412; 545, 1984.
- BÍBLIA TEB*. São Paulo: Loyola, 1995.
- BÍBLIA DE JERUSALÉM*. São Paulo: Paulinas, 2010.
- BORN, A. D. *Dicionário Enciclopédico da Bíblia*. Tradução de Frei Frederico Vier. Petrópolis: Vozes, p. 386; 755-756; 967-970; 976-985; 1226; 1427-1429, 1985.
- CLEMENTS, R. E. (Org.). *O mundo do Antigo Israel: perspectivas sociológicas, antropológicas e políticas*. São Paulo: Paulus, 1995.
- GRUEN, W. *O tempo que se chama hoje: uma introdução ao Antigo Testamento*. 5ª ed. São Paulo: Paulinas, 1983.
- HARRINGTON, W. J. *Chave para a Bíblia: a revelação; A promessa; a realização*. Tradução de José Xavier e Alexandre Matyre. São Paulo: Paulinas, 1985.
- KRAMER, P. O órfão e a viúva no livro do Deuteronômio. *Estudos Bíblicos*. Petrópolis, v. 27, p. 20-28, 1990.
- KRAMER, P. *Origem e legislação do Deuteronômio – programa de uma sociedade sem empobrecidos e excluídos*. Tese (Doutorado em Teologia) - Escola Superior de Teologia, Instituto Ecumênico de Pós-Graduação em Teologia, Porto Alegre, 1999.
- LAMADRID, A. G. *As tradições históricas de Israel: introdução à história do Antigo Testamento*. Petrópolis: Vozes, 1999.
- LEMOIS, C. T. Religião como fator de manutenção/mudança da ordem social. In: REINER, I. R.; SOUZA, J. O. *O Sagrado na Vida: subsídios para aulas de Teologia*. UCG, p. 43-46, 2009.
- MACKENZIE, J. L. *Dicionário bíblico*. Tradução de Álvaro Cunha, Elsa Maria, 2009.
- MESTERS, C. *Deus onde estás?* 6ª ed. Belo Horizonte: Veja, 1983.
- NAKANOSE, S. Para entender o Livro do Deuteronômio: uma lei a favor da vida? *Ribla*, Petrópolis, n. 23, p. 176-193, 1996.
- NAKANOSE, S. *Uma história para contar... A páscoa de Josias: Metodologia do Antigo Testamento a Partir de 2Rs 22,1-23,30*. São Paulo: Paulinas, 2000.
- PIXLEY, J. *A história de Israel a partir dos pobres*. Tradução de Ramiro Mincato. 2ª ed. Petrópolis: Vozes, 1990.
- QUEIROZ, J. B. P. de. *O credo histórico de Israel – Deuteronômio 26,1-11*. São Bernardo do Campo, 1989. Apostila.
- RAD, G. V. Pequeno credo histórico. In: RAD, G. V. *Studios sobre el Antigo Testamento*. Biblioteca de Estudios Bíblicos, Salamanca, v. 3, p. 14, 1976.

- RIBEIRO, V. S. *Resistencia e Conquista da Terra a Partir de Dt 26,5-11*. Dissertação (Mestrado) – Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2002.
- SILVA, C. M. D. y, da. Deuteronomio, Portal da História Deuteronomista: Deuteronomy, DeuteronomisticHistory Portal. In: *Teocomunicação*, Porto Alegre, v. 42, n. 1, p. 37-49, jan./jun. 2012. Disponível em: <file:///C:/Users/user/Downloads/11292-41340-1-PB%20(2).pdf>. Acesso em: 20 jul. 2015.
- SOUZA, M. de B.; CARAVIAS, L. J. *Teologia da terra*. Tradução de Jaime A. Clasen. Petrópolis: Vozes, 1988. Série V, Desafios da Sociedade; Coleção Teologia e Libertação.
- SOUZA, M. de B. *Nossos pais nos contaram – nova leitura da História Sagrada*. Petrópolis: Vozes, 1984.
- SOUZA, M. de B. *A Bíblia e a luta pela terra*. Petrópolis: Vozes/CPT, 1983.
- STORNILOLO, I. *Como ler o Livro do Deuteronomio: escolher a vida ou a morte*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- _____. *Terra prometida - dom de Deus ou conquista do homem?* Vida Pastoral, São Paulo, n. 128, p. 15-20, jan./fev. 1986.
- _____. *Os excluídos em Israel – é possível legislar a solidariedade?* Vida Pastoral, São Paulo, n.180, p. 11-19, 1995.
- _____. *O Deuteronomio: projeto de uma nova sociedade*. Vida Pastoral. São Paulo, n.128, p. 17-23, maio/jun. 1986.
- THOMPSON, J. A. *Deuteronomio: introdução e comentário*. Tradução de Carlos Oswaldo Pinto. São Paulo: Vida Nova; Mundo Cristão, 1991.